

LICEU *on-line*

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

LIMITING FACTORS, POTENTIALS AND LIFE CYCLE OF SMALL BUSINESSES: THE PROPOSAL OF AN EMPIRICAL THEORETICAL MODEL

Roberto Marinho Figueiroa Zica

Sebrae Minas Gerais

robertomarinhofz@gmail.com

Brasil

Henrique Cordeiro Martins

Universidade FUMEC

henrique.martins@fumec.br

Brasil

Recebido: 13/07/2024 – Aprovado: 20/11/2024. Publicado Janeiro/2025.

Processo de Avaliação: Double Blind Review.

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

RESUMO:

O universo dos pequenos negócios possui grande representatividade, respondendo com a maior parte das empresas formalmente constituídas, bem como pela geração de riqueza e a criação de inúmeros empregos. Muitas ações têm sido empreendidas para o desenvolvimento e o fortalecimento destas empresas em diversas áreas de atuação e setores econômicos. Todavia, ainda existem inúmeros negócios que acabam encerrando suas atividades, por vários fatores, ocasionando perdas financeiras e custo social. O presente trabalho tem como objetivo sistematizar informações sobre quais são estes fatores limitantes de sobrevivência destas organizações. Foi utilizado o método comparativo entre a literatura identificada e pesquisas selecionadas, destacando pontos convergentes para a elaboração de um quadro síntese, um quadro sinótico e a proposição de um modelo teórico empírico. Pode-se concluir que o trabalho oferece contribuição à ciência, na medida em que viabiliza a sistematização das informações existentes e a possibilidade de convergência entre as temáticas e grupos avaliados.

Palavras-chave: Pequenos negócios; Fracasso empresarial; Fatores limitantes; Crise.

ABSTRACT:

The universe of small businesses holds significant importance, representing the majority of formally constituted enterprises, as well as contributing substantially to wealth generation and employment creation. Numerous initiatives have been undertaken to foster the development and strengthen these businesses across various sectors and economic domains. However, many businesses still face closure due to various factors, resulting in financial losses and societal costs. This study aims to systematize information regarding the survival-limiting factors of these organizations. A comparative method was employed between identified literature and selected research, highlighting converging points to formulate a synthesis framework, a synopsis table, and propose an empirical theoretical model. It can be concluded that this work contributes to science by facilitating the systematization of existing information and the potential convergence among evaluated themes and groups.

Keywords: *Small businesses; Business failure; Limiting factors; Crisis.*

1. INTRODUÇÃO

A representatividade dos pequenos negócios para a economia dos países e, mormente, para a quantidade de empregos gerados é bastante acentuada, conforme estudo do Banco Mundial realizado em 99 países (Ayyagari, Demirguc-Kunt, & Maksimovic, 2011). Este cenário também ocorre em solo nacional, sendo os pequenos negócios - compreendendo para fins deste estudo, o universo dos microempreendedores individuais (MEI), das microempresas (ME) e das empresas de pequeno porte (EPP) – dotados de significativa relevância, respondendo não apenas pela constituição de registros de formalização, mas notadamente pela

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

criação e manutenção de inúmeros empregos e a geração de riqueza, demonstrando de maneira inequívoca a pujança do segmento (Costa & Leandro, 2020; FGV & Sebrae, 2023).

Os pequenos negócios oferecem uma importante contribuição para o desenvolvimento nos aspectos sociais e econômicos no país, sendo ainda mais perceptível quando a análise recai sobre os diversos municípios que contam com a geração de empregos e renda provenientes destas unidades de negócio. Em consonância com o “Estudo sobre a Participação de Micro e Pequenas Empresas na Economia”, conduzida pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) para o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) em 2023, nas últimas três décadas o papel dos pequenos negócios na economia nacional tem aumentado de maneira consistente, podendo variar de 21% a 46% do valor adicionado das economias dos estados e chegando a 30% da produção de riqueza total da nação. Outra constatação é que estes estabelecimentos são uma importante fonte de arrecadação de impostos, sendo boa parte desta arrecadação por meio do tributo “Simples”.

Em termos numéricos, e de acordo com o relatório denominado Mapa de Empresas, produzido pelo Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte (MEMP, 2024), o terceiro quadrimestre de 2023 registrou 20,8 milhões de empresas ativas, considerando matrizes, filiais e microempreendedores individuais. Nesse cenário, 93,5% das empresas são microempresas ou empresas de pequeno porte.

Em conjunto, as micro e pequenas empresas abarcam 18,3 milhões de empregos, equivalendo a 52 % do total de empregos formais existentes e um aumento de 5,8% em comparação ao ano de 2020, conforme a RAIS (Sebrae, 2023a). O setor de comércio é o que mais emprega, com 36,2% do total, seguido de perto pelo setor de serviços, com 34,7%. A indústria contribui com 17,6% e os setores de construção civil e agropecuária com 6,2% e 5,3%, respectivamente. A participação das MPEs na massa salarial foi de 42,4%. Conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), em sistematização feita pelo Sebrae em 2023, as micro e pequenas empresas foram diretamente responsáveis pela criação de oito em cada dez empregos no ano de 2023.

Mesmo com esta dimensão, os pequenos negócios são “mais suscetíveis às oscilações do mercado e à conjuntura econômica fragilizada, expondo-as a situações de risco” (Nassif, Corrêa, & Rossetto, 2020, p. 3). Torna-se importante, portanto, destacar a respeito das taxas de sobrevivência destes estabelecimentos. Outra pesquisa realizada pelo Sebrae (2023b), denominada “Pesquisa Sobrevivência das empresas mercantis brasileiras: 2017 – 2022”, indicou que o porte que apresenta menor probabilidade de sobrevivência é o MEI, seguido de ME e EPP. Em 5 anos, a taxa de sobrevivência dos “MEI” é de 57,7%; “ME” em 74,3%;

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

“EPP” em 78,6%; e do grupo “Demais” (médias e grandes empresas) em 83,4%. No tocante ao setor da economia, o Comércio, seguido de Serviço possuem as menores taxas de sobrevivência, considerando os grupos de “ME”, “EPP” e “Demais”. E os setores de Agropecuária e Serviços possuem as menores taxas de sobrevivência para o grupo de “MEI”.

Especificamente sobre o Estado de Minas Gerais, foco deste artigo, o estudo indicou que o estado é um dos três com menor taxa sobrevivência dos pequenos negócios dentre as 27 Unidades Federativas. Conforme dados do Mapa de Empresas (MEMP, 2024), no final de 2023 o estado possuía em torno de 2,28 milhões de empreendimentos, sendo que 2,15 milhões, ou 94%, eram micro e pequenas empresas. Este patamar representa cerca de 11% dos pequenos negócios constituídos no País. Informações do Sebrae Minas, com base na Receita Federal, também indicam que estas empresas contribuem com 60% dos empregos com carteira assinada, correspondendo a 41% da massa salarial paga no estado (Sebrae, 2023 a).

Indicada a relevância do segmento pode-se deduzir sobre a necessidade de haver contínuos estudos e pesquisas para corroborar para o aprimoramento do entendimento sobre suas necessidades e potencialidades. De acordo com Julien (2013, p. 7), “a teoria sobre empreendedorismo e sobre as micro, pequenas e médias empresas desenvolveu-se há aproximadamente 35 anos”, tendo contribuído desde então para o avanço de entendimentos a respeito da unidade organizacional, bem como para os aspectos que a circundam.

Não obstante haja este crescimento consistente na quantidade de estudos e pesquisas sobre o segmento dos pequenos negócios, realizado por órgãos de apoio e fomento, pesquisadores, Centros de pesquisa, Universidades, Agências nacionais e internacionais e entidades especializadas, tais como Anegepe e Endeavor, ainda se percebe a necessidade contínua de novos estudos e a sistematização de dados e informações já existentes, de modo a contribuir para a mitigação de assimetrias de informação, redução de polissemia em certos conceitos e a possibilidade de geração de políticas públicas que possibilitem o fortalecimento do segmento e seu constante desenvolvimento no mercado nacional e ou internacional (Audretsch, Belitski, & Desai, 2022).

Considerando a representatividade dos pequenos negócios para a economia nacional e seu impacto para a geração de emprego e colocação de milhões de pessoas no mercado de trabalho, percebe-se a relevância de um aprofundamento de quais os fatores seriam limitantes na constituição e manutenção destes negócios, bem como na potencialização para seu desenvolvimento. Neste sentido, a pergunta de pesquisa que norteia este trabalho é: quais os fatores exógenos e endógenos limitadores ao desenvolvimento e sobrevivência dos pequenos negócios no contexto atual?

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

Destarte, o artigo tem como objetivo precípua analisar quais são os fatores que limitam o desenvolvimento e interferem negativamente na sobrevivência dos pequenos negócios no contexto atual, por meio da sistematização das informações disponíveis e pela indicação de um modelo teórico empírico.

Conhecer de maneira mais próxima a dinâmica empresarial dos pequenos negócios, suas necessidades, aspectos que limitam ou impossibilitam seu crescimento e quais as potencialidades de seu desenvolvimento assumem contorno de máxima relevância, dado seu contexto. O presente artigo vai ao encontro de possibilitar a integração entre as fontes teóricas mais adequadas à temática, na mesma medida em que busca explorar os estudos disponíveis que possam contribuir na sistematização de novos saberes, que quando aplicados possam gerar conteúdo e método com impacto positivo para a sociedade. Adicionalmente também compreende-se ser possível o estímulo de reflexões para o aprimoramento de instrumentos de gestão e a formulação de políticas públicas para o desenvolvimento do segmento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho adotou um percurso teórico a respeito da dimensão do universo dos pequenos negócios, sua sobrevivência e mortalidade e quais seriam as principais razões para a mortalidade dos pequenos negócios. Estas temáticas, analisadas em conjunto, ofereceram uma visão sistêmica sobre os fatores que estimulam e retraem o impulso empreendedor.

2.1 – A Dimensão das Micro e Pequenas Empresas

Conforme Sanábio e David (2006), a dinâmica empresarial e o recrudescimento nos níveis de competição dos mercados tem corroborado para o expressivo aumento de micro e pequenas empresas. Esta mudança de eixo fez com que o desenvolvimento econômico, bem como a geração de ocupação e renda, passasse a contar cada vez mais com micro e pequenas empresas em sua composição, tendo na figura do empreendedor o dínamo responsável pela criação de novos negócios, muitos dos quais inovadores e disruptivos, pela identificação de nichos de mercado e pelo desenvolvimento de produtos, serviços e processos que possam ser explorados economicamente (Bezerra. E., Silva G., Borges C., & Tondolo L, 2014).

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

O avanço nos estudos sobre empreendedorismo e as micro e pequenas são relevantes para melhor identificação e distinção das MPE das empresas de maior porte, ratificando sua relevância para a formação do PIB, geração de inovação e para a criação de empregos (Julien, 2013). Portanto é importante ressaltar que as MPE não devam ser consideradas como um arremedo ou como uma empresa incapaz de desenvolver as atividades e missão a qual se propõe (Welsh & White, 1981).

A autora Penrose (1995) há muito adverte que uma firma não deve ser entendida tão somente como uma unidade administrativa, mas parte integrante de um conjunto de recursos produtivos, devendo ser utilizada por meio de decisões de cunho administrativo ao longo do tempo. Neste sentido, argumenta que o porte e dimensão da empresa é decorrente de fatores que corroboram para seu crescimento. Assim, pode-se dizer que cada porte ou dimensão de negócios possui sua representatividade e relevância, dentro de determinado contexto, dos objetivos traçados e das exigências de seu público alvo.

Por estarem inseridas no mesmo ambiente competitivo de mercado, salvo quando atuam em nichos específicos e por serem motivadas à consecução de seus objetivos, sejam eles econômicos ou não, entende-se que as MPE se assemelhem em muitos pontos às empresas de maior porte. O que não pode se perder de vista, conforme aponta a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (2002), relatado por Machado e Espinha (2005) é que as micro e pequenas empresas são empresas independentes, não se comportando como filiais de outras empresas de maior porte.

No tocante à categorização quanto ao porte e em consonância com Puga (2000) existem duas formas de classificação de MPE no país, sendo por meio do faturamento bruto anual ou por meio do número de empregados que a empresa possui. Estes dois enfoques, que não são mutuamente excludentes, contribuem para toda gama de definições sobre políticas públicas voltadas ao segmento, aspectos relacionados à tributação e benefícios fiscais, taxas de juros bancárias, preferências em certames licitatórios, entre outras.

São três as entidades no país que classificam as empresas segundo seu porte, tendo como critério o número de pessoas ocupadas, sendo: Ministério do Trabalho e Emprego, com a Relação Anual de Informações Sociais - RAIS; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (TAB1).

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO
Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

Tabela 01: classificação do porte das empresas, por pessoas ocupadas

Porte	Atividades Econômicas	
	Serviços e Comércio	Indústria
Microempresa	Até 09 pessoas	Até 19 pessoas
Pequena Empresa	De 10 a 49 pessoas	De 20 a 99 pessoas
Média Empresa	De 50 a 99 pessoas	De 100 a 499 pessoas
Grande Empresa	Acima de 100 pessoas	Acima de 500 pessoas

Fonte: Sebrae, 2024.

A subdivisão por setor de atividade econômica se faz necessária tendo em vista as diferenças operacionais existentes entre os setores de serviços, de comércio e da indústria, notadamente no que se refere à alocação de pessoas para o desempenho de suas atividades operacionais, táticas e estratégicas nas respectivas firmas.

No tocante a classificação do porte de empresas, em função do faturamento, este enquadramento se dá em função do faturamento bruto anual auferido pelas empresas, servindo tanto para questões fiscais, quanto para o enquadramento perante as instituições financeiras e órgãos de apoio a exportação.

De acordo com a Lei Complementar n.º 123/2006, também conhecida por Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, as pessoas jurídicas que auferem receita bruta anual até o limite de R\$ 360.000,00 são consideradas como Microempresas - ME. As que obtêm receita bruta no ano calendário entre R\$ 360.000,00 e R\$ 4.800.000,00 são enquadradas como Empresa de Pequeno Porte – EPP. Outra classificação relevante é a figura jurídica do Microempreendedor Individual – MEI – que possui limite de faturamento anual até R\$ 81.000,00.

Entende-se por MEI, de uma maneira mais genérica, aquele que deseja abrir um negócio dentro deste regramento legal ou aquela pessoa que desenvolve alguma atividade ainda não formalizada, por conta própria ou com um empregado e que possui interesse na formalização de seu negócio. Ao ocorrer esta transição entre o mercado informal e a formalização do negócio em operação, este empreendedor legaliza sua empresa tornando-se um microempreendedor individual. Conforme prevê a Lei Complementar n.º 128/2008, esta legislação criou condições específicas para que o trabalhador, que possivelmente estivesse no setor informal, pudesse se tornar um MEI legalizado.

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO
Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

A Tabela 02 - classificação do porte e faturamento das empresas, conforme a Lei Complementar n.º 123/2006, apresenta uma síntese destas informações:

Tabela 02: classificação do porte e faturamento das empresas

Porte	Limites – Faturamento
Microempreendedor Individual	Até: R\$ 81.000,00
Microempresa	Até: R\$ 360.000,00
Empresa de Pequeno Porte	De: 360.000,0 Até: R\$ 4.800.000,00

Fonte: Lei Complementar n.º 123/2006, 2024.

Embora haja uma legislação própria que indique patamares financeiros de enquadramento de empresas, diversas entidades classificam as MPE em função de critérios próprios. Um exemplo desta possibilidade são as classificações próprias realizadas pelas instituições financeiras, sejam elas públicas ou privadas. Estas instituições financeiras realizam a classificação das empresas de acordo com o mercado em que atuam, em consonância com seu entendimento de melhor representar e atender ao seu público alvo.

2.2 – Sobrevivência e Mortalidade das MPE

Pesquisas sobre a constituição e a taxa de sobrevivência das MPE não são um trabalho trivial, tendo em vista que as dificuldades percebidas nas definições do que é uma empresa “recém-criada”, “em atividade” ou “encerrada”. Outro fator são os registros desses empreendimentos, pois mesmos constantes nas bases de dados oficiais do governo estão sujeitas a constantes alterações, além do fato dos empreendedores poderem demorar a solicitar os registros de criação e/ou de encerramento das atividades (Sebrae, 2013b).

Ainda de acordo com o Sebrae (2013b) existem duas formas utilizadas para se avaliar o índice de mortalidade ou sobrevivência de empresas, sendo: i) por meio de *pesquisas de campo*, onde os pesquisadores conseguiriam verificar *in loco*, se uma determinada amostra de empresas registradas, em um dado período de tempo, ainda continuam em operação; ou ii) por meio de pesquisa com base em dados secundários, oficiais, sendo possível checar a totalidade das empresas que compõem o cadastro das empresas constituídas nos anos da análise.

Ambas as possibilidades possuem vantagens e desvantagens. Fazendo a pesquisa de campo seria possível constatar a situação em que se encontra a empresa de maneira mais

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

atualizada e real e entrevistar o proprietário para saber as causas do eventual encerramento das atividades. Sua desvantagem seria o alto custo para se levar a cabo esta sistemática de pesquisa e as limitações decorrente da amostra. No segundo grupo, indubitavelmente o custo da avaliação seria muito menor, pois não envolve deslocamento dos pesquisadores, além de reduzir consideravelmente o tempo da pesquisa e a margem de erro. Dentre as desvantagens está a impossibilidade de verificar as razões do eventual fechamento das empresas diretamente com o empreendedor, além de certa defasagem na disponibilização dos dados em relação ao fato gerador das informações.

Tendo sido realizadas estas considerações, serão apresentadas as taxas de sobrevivência dos negócios no Brasil, após cinco anos de constituição e por porte do negócio. Conforme o estudo “Sobrevivência das Empresas Mercantis Brasileiras: 2017 - 2022”, realizado pelo Sebrae (2023b), tomando como referência os dados públicos da base da Receita Federal do Brasil, de empresas criadas entre 2017 e 2021 e *status* checado no final de 2022 (empresa ativa ou baixada). Foram observadas cerca de 13.165.332 empresas neste estudo. A Tabela 03: Taxa de sobrevivência por porte: 2017 – 2021, demonstra a evolução dos percentuais de permanência dos negócios pesquisados durante o intervalo de tempo.

Tabela 03: Taxa de sobrevivência por porte: 2017 - 2021

Porte	1 ano	2 anos	3 anos	4 anos	5 anos
Microempreendedor Individual	83,1%	74,3%	67,6%	62,3%	57,7%
Microempresa	94,7%	88,8%	83,7%	78,9%	74,3%
Empresa de Pequeno Porte	94,8%	89,8%	85,5%	81,8%	78,6%
Demais	96,3%	92,5%	89,1%	86,2%	83,4%

Fonte: Sebrae, 2023a.

Conforme é possível depreender da Tabela 3, no período analisado de 5 anos, a taxa de sobrevivência dos Microempreendedores Individuais passou de 83,1% para 57,7%. Mesma tendência de queda foi observada para as Microempresas e Empresas de Pequeno Porte, passando de 94,7% para 74,3% e de 94,8% para 78,6%, respectivamente. O grupo Demais, correspondentes às Médias e Grandes Empresas, oscilou de 96,3% para 83,4%. Comparando a taxa de sobrevivência do primeiro com o quinto ano é possível notar que houve uma queda em torno de 25 pontos percentuais (p.p.) na taxa de sobrevivência dos MEI; 20 p.p. nas ME; e 16

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

p.p. nas EPP. Outro ponto salientado neste estudo é que em comparação com o estudo anterior, as curvas de sobrevivência tiveram o mesmo comportamento.

Em âmbito mais geral, o estudo demonstrou que a região Norte obteve as maiores taxas de sobrevivência para todos os portes. Já as regiões Centro-Oeste e Sul apresentaram as menores taxas de sobrevivência para os MEI e ME, e Sudeste para as EPP.

Especificamente sobre o Estado de Minas Gerais, a taxa de sobrevivência agregada pelo porte da empresa para País/Região, considerando o intervalo de tempo de 5 anos ficou em 60,2%, dentre as menores do país, ao lado do Distrito Federal e Tocantins. Este percentual ficou abaixo da média nacional que foi de 62,8%.

2.3 – Razões para a Mortalidade dos Pequenos Negócios já Registradas na Literatura

A sobrevivência de empresas com até 2 anos de existência – que são os mais complexos para aquelas que iniciam suas atividades – é um fator bastante positivo para a economia nacional. Todavia, pensando nas empresas que encerraram seus negócios, caberia ainda fazer uma relevante pergunta: o que leva estas empresas a fecharem suas portas?

De acordo com Machado e Espinha (2005), baseando-se em diversos autores como Miner (1997), McClelland (1985), Pereira (1995), Dutra (2002), Lussier e Pfeifer (2001), Greatti (2003), ao se avaliar a mortalidade de empresas nota-se que existem duas razões tidas como *voluntárias* e *involuntárias*, quando relacionada ao comportamento do empreendedor.

O quadro 1: Razões da Mortalidade de Empresas Relacionadas ao Empreendedor, apresentará quais são estas razões, sejam elas deliberadas ou involuntárias.

Quadro 1: Razões da Mortalidade de Empresas Relacionadas ao Empreendedor

Razões de Mortalidade	
Razões Deliberadas	Razões involuntárias
Mudança de cidade. Venda da empresa. Problemas pessoais. Decisão de mudar de ramo. Opção por um emprego.	Falta de características empreendedoras. Falta de experiência no setor. Falta de experiência gerencial. Idade. Ausência de modelos de referência empreendedora. Baixa dedicação ao trabalho. Baixo nível educacional.

Fonte: Elaborado por Machado e Espinha, 2005, p. 57.

Do ponto de vista gerencial, percebe-se que muitos empreendedores também possuem certa dificuldade na identificação da causa raiz dos problemas, sejam pelas inúmeras atividades

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

operacionais que lhe tomam boa parte do tempo, seja pelo envolvimento emocional do empreendedor, que contribui para encobrir ou desviar o foco do verdadeiro problema. Muitos destes problemas se originam na falta ou insuficiência de um prévio planejamento das atividades da empresa, passando por aspectos voltados às falhas na gestão do negócio e até mesmo em questões relacionadas ao comportamento do empreendedor.

Considerando a relevância da gestão para a melhoria, manutenção e sobrevivência das empresas, e em consonância com Machado e Espinha (2005), que tomaram como base os autores Pereira (1995), Dutra (2002), Johnson e Soenen (2003), Riquelme e Watson (2002) e Lussier e Pfeifer (2001), depreende-se que existam cinco grandes áreas que designam razões para o encerramento (fracasso) das empresas, decorrentes de problemas gerenciais. O quadro 2: Razões ligadas ao fracasso de empresas por problemas gerenciais, apresenta quais estas razões organizadas em cinco grupos temáticos.

Quadro 2: Razões ligadas ao fracasso de empresas por problemas gerenciais

Razões Ligadas ao Fracasso				
Finanças	Marketing	Produção	Recursos Humanos	Estrutura da Organização
Falta de planejamento financeiro. Falta de controles financeiros. Falta de capital de giro. Falta de capital próprio. Imobilização excessiva em ativos fixos.	Ponto de venda inadequado. Falta de previsão de vendas. Despreocupação com o tratamento dos clientes.	Baixa qualidade de produtos e serviços. Falta de investimento em pesquisa e desenvolvimento. Demora no desenvolvimento do produto. Controles de estoques precários.	Falta de profissionais qualificados. Falta de treinamento de pessoal. Falta de avaliação de produtividade do pessoal.	Centralização do poder. Falta de assessoramento. Falta de um sistema de informações gerenciais. Despreocupação com a imagem da empresa. Falta de habilidade para enfrentar crescimento rápido.

Fonte: Elaborado por Machado e Espinha, 2005, p. 59.

Outro fator que assume contornos extremamente contundentes foi o impacto trazido pela pandemia de COVID-19, iniciada no final de 2019. Esta crise sanitária trouxe consigo consideráveis consequências para a sobrevivência dos negócios (e de vidas humanas), bem como importantes desafios e adversidades, sobretudo, para os empreendimentos de menor porte (Nassif, Corrêa, & Rossetto, 2020).

Outras dimensões que também deve ser considerada como relevante na análise sobre os fatores com os quais o fracasso de pequenas empresas pode estar relacionado, reside no ambiente a qual está inserida. Este tipo de análise é relevante pois repercute diretamente na

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

performance e na sobrevivência dos negócios. Fatores como crises e recessões econômicas, ampliação da concorrência, novas tecnologias que não possui acesso, barreiras legais e fatores macroeconômicos são alguns destes exemplos que os empreendedores estão sujeitos. Outros problemas mais específicos também podem surgir, como morte dos proprietários, violência e assaltos na região da empresa, incêndio ou inundações são outros exemplos recorrentes.

Caberia por fim destacar que muitos destes fatores poderiam ser tratados por meio de treinamentos específicos e melhor preparação de gestores de pequenos negócios, de modo a aprimorar seus atributos gerenciais e desenvolver suas características empreendedoras.

3. METODOLOGIA

Para a construção deste artigo, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo descritiva. A escolha foi ao encontro da necessidade de explorar estudos e pesquisas publicados, de fontes seguras e com credibilidade, que pudessem oferecer respaldo para a construção do referencial teórico, bem como de condição de análise sobre as pesquisas identificadas e selecionadas. Foi realizada uma revisão da bibliografia pertinente ao macro tema, culminando na seleção de trabalhos, artigos, literatura e *sítios* eletrônicos pesquisados.

De maneira exploratória foram consultados *sítios* eletrônicos de periódicos da Capes e Google Acadêmico, de instituições de apoio e fomento aos pequenos negócios, tendo sido realizado uma seleção inicial de quais estudos possuíam interface direta com a natureza do presente artigo.

Como o objetivo do artigo era avaliar o comportamento das empresas no estado de Minas Gerais foi realizado um recorte nos instrumentos de análise. A abordagem e o método de pesquisa aplicados foram considerados adequados pelos pesquisadores autores deste presente trabalho, tendo em vista a constatação do alcance do resultado pretendido.

A partir desta definição, a literatura selecionada foi analisada pormenorizadamente, tendo sido possível a construção de um quadro síntese dos pontos de convergência mais proeminentes entre os textos trabalhados. Também foi possível a construção de um quadro sinótico com os achados das pesquisas identificadas. Ambos os quadros possibilitam melhor visualização sobre os fatores limitantes e potencialidades no desenvolvimento dos pequenos negócios. Quanto às pesquisas selecionadas foi elaborado uma tabela para melhor visualização, indicando nome, ano da publicação e a respectiva fonte (TAB 4).

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO
Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

Tabela 4 – Estudos e Pesquisas Selecionados

Nome	Ano	Fonte
Relatório Relacionamento Bancário – MPE	2022	Sebrae MG / UINE
Inteligência em Pauta MEI 15 anos - coletiva final	2023	Sebrae MG / UINE
Pesquisa do MEI 2023	2023	Sebrae MG / UINE
Pesquisa Empreendedores Iniciais	2023	Sebrae MG / UINE
Expectativas de Investimentos no Negócio	2024	Sebrae MG / UINE
Relatório Relacionamento Bancário – MEI	2024	Sebrae MG / UINE
Índice Sebrae de Confiança dos Pequenos Negócios – 2020 a 2024	2024	Sebrae MG / UINE
Crédito e Financiamento	2024	Sebrae Nacional
Participação das MPE na Economia	2024	Sebrae Nacional

Fonte: dados sistematizados pelos autores, 2024

Importante salientar que não houve a identificação de uma pesquisa, dentre as fontes pesquisadas, que retratasse exatamente o recorte de pesquisa pretendido pelos autores deste artigo. Tal situação tornou necessária a identificação e posterior seleção de trabalhos que pudessem agregar dados e informações que, combinados, produzissem elementos de análise e conversão de conhecimento aplicado. Para os artigos científicos selecionados, e que fazem parte das Referências, houve maior convergência, sendo o recorte territorial o fator mais limitante, ocasionando na exclusão de alguns trabalhos.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante o percurso trilhado para a construção do trabalho foram selecionados artigos e literaturas dentro do *mainstream* para explicar a composição do cenário dos pequenos negócios. Dos artigos analisados foram selecionados os com maior aderência com o escopo do trabalho, tendo sido possível extrair um conjunto de fatores e condicionantes que indicassem causas para o encerramento de atividades empresariais. Também foram identificadas pesquisas atuais, sendo a opção dos autores pela seleção dos trabalhos dispostos na Tabela 4 – Estudos e Pesquisas Selecionados, pelo critério de acesso e de maior probabilidade de contribuição.

Esta base organizada, viabilizada por um método de pesquisa adequado, subsidiou a construção de um quadro síntese e de um quadro sinótico que permitiram a sistematização de

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

conjuntos de fatores limitantes para a sobrevivência dos pequenos negócios. Com base nestas informações também foi possível viabilizar a construção de uma modelagem com os fatores limitante do crescimento e permanência dos pequenos negócios, sendo composta de elementos exógenos e endógenos, considerando os aspectos externos ao ambiente empresarial e os internos, dentro do *locus* de controle do empreendedor, respectivamente. A construção do modelo teórico empírico proposto constitui-se o objetivo central deste trabalho.

O entendimento mais amplo é que uma série de fatores contribuem para a encerramento prematuro dos pequenos negócios, desde aspectos ligados ao ambiente externo, considerando, inclusive, aqueles ligados ao setor e segmento econômico, passando por temáticas mais estratégicas do negócio, à sua operação ou até mesmo da decisão do empreendedor (ou seus sócios) em não continuar com as atividades (Roratto, Dias, & Alves, 2017; Pinheiro & Neto, 2019).

Novamente citando Machado e Espinha (2005), baseando-se em trabalhos de Naiberg *et al* (2000), Lussier e Pfeifer (2001), Viapiana (2001), Riquelme e Watson (2002), Dutra (2003), Greatti (2003) e Watson (2003), que contribuem ao indicarem que as micro e pequenas empresas encerram suas atividades em função de três conjuntos agregados de causas, sendo: razões do Empreendedor, decorrente de suas decisões voluntárias ou involuntárias; gestão da empresas; e fatores do ambiente. Estes três grupos conseguem enunciar, sinteticamente, as macro razões para a mortalidade destas empresas, com tratamento específico em cada pilar elencado.

Outras possibilidades de sistematização das informações e do entendimento sobre o encerramento dos pequenos negócios foram testadas, não no sentido de refutar os trabalhos anteriormente citados, mas sim de buscar outras formas de demonstração dos achados de pesquisa e da teoria existente, propondo nova abordagem e contribuições. O formato encontrado foi por meio uma abordagem considerando os elementos exógenos e os endógenos, ou ambos (Zacharakis, Meyer, & De Castro, 1999).

Cada trabalho selecionado indicou seu método de pesquisa e seus achados, havendo especificidades nas causas apontadas em cada um, podendo variar em função da cultura empresarial do território pesquisado, sua pujança e dinâmica econômica, setor e segmento no qual a empresa se encontra, estratégias de atuação e perfil empreendedor dos envolvidos na atividade.

Com este entendimento foi possível elaborar um quadro síntese decorrente da literatura, organizando os fatores mais relevantes destes trabalhos e possibilitando uma visão geral do fenômeno. Entendeu-se por relevante a existência de uma citação direta dos fatores limitantes

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

pelos autores, aquelas respostas mais proeminentes em termos estatísticos e as causas presentes em mais trabalhos. O Quadro 3 – Quadro sintetiza os fatores limitantes exógenos e endógenos, com possibilidades de encerramento de atividades da empresa.

Quadro 3 – Quadro síntese dos fatores limitantes exógenos e endógenos

Fatores Limitantes – Literatura	
Exógenos	Endógenos
Cenário econômico recessivo. Crise no setor / segmento de atividades. Fatores de ordem conjuntural – guerra, pandemia, disponibilidade de insumos, restrições. Taxas de juros elevada. Disponibilidade de linhas de financiamento / crédito. Altos níveis de inadimplência. Comportamento dos competidores / concorrência. Carga tributária elevada. Problemas ligados à infraestrutura.	Decisão voluntária – venda da empresa, opção por emprego. Decisão involuntária – não adequação de perfil, falecimento dos sócios, assaltos / roubos, incêndio. Falta ou falha no planejamento estratégico. Inexperiência com a gestão de negócios. Falha no gerenciamento do negócio. Falha no gerenciamento do capital de giro. Aspectos mercadológicos - dificuldades de conquistar e manter clientes; com fornecedores; limitações do mercado; falta de conhecimento do mercado em que está inserido. Centralização das decisões. Falha no planejamento de compras. Características do perfil do empreendedor. Habilidades técnicas dos empreendedores. Desenvolvimento de recursos humanos. Dificuldades na obtenção de recursos financeiros. Baixa escolaridade e qualificação.

Fonte: dados sistematizados pelos autores, 2024.

Este conjunto de informações percebidas na literatura analisada representa os fatores mais apontados para o encerramento das atividades dos pequenos negócios. Mesmo que tais fatores limitantes não ensejem no fechamento “das portas” do empreendimento, por certo agirão, individual ou coletivamente, para o arrefecimento das potencialidades destes negócios em gerar e sustentar valor.

No tocante à avaliação das pesquisas selecionadas, o trabalho compreendeu no agrupamento das informações colhidas em meta grupos de análise, indicando os fatores limitantes para a sobrevivência dos empreendimentos. Os fatores limitantes indicados no quadro foram reunidos nestes grupos tendo em vista a incidência das situações apontadas nas pesquisas e conteúdos derivados da teoria analisada. Esta estruturação permitiu a identificação de sete meta grupos de fatores limitantes para a sobrevivência dos negócios, a saber: *Dificuldade em acessar crédito e demais serviços financeiros; Dificuldade no gerenciamento do negócio; Dificuldade de conciliar vida empresarial e vida pessoal; Dificuldade em conseguir novos clientes e mercados; Dificuldade em contratar, treinar e manter*

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

colaboradores; Dificuldades relacionadas à tributação; e Dificuldades relacionadas à burocracia.

Compondo a matriz de análise, também foram identificados agrupamentos por porte e perfis de empreendedores. Este agrupamento de análise também levou em consideração a teoria visitada e as pesquisas previamente selecionadas. Foi possível a identificação de seis grupos, sendo: *Fase inicial; Consolidados; MEI; ME; EPP; e Mulheres*. O Quadro 4 - Quadro sinótico com fatores limitantes por porte e perfil de análise, demonstra de maneira visual, com marcações nos quadrantes onde houve registro dos construtos, a incidência do grupo de fatores limitantes nos grupos de análise.

Quadro 4 - Quadro sinótico com fatores limitantes por porte e perfil de análise.

Meta Grupos de Fatores Limitantes	Análise por Porte e Perfis de Empreendedores					
	Fase Inicial	Conso- lidados	MEI	ME	EPP	Mulheres
Dificuldade em acessar crédito e demais serviços financeiros	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙
Dificuldade no gerenciamento do negócio	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙
Dificuldade de conciliar vida empresarial e vida pessoal			⊙			⊙
Dificuldade em conseguir novos clientes e mercados (concorrência)	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙
Dificuldade em contratar, treinar e manter colaboradores	⊙	⊙		⊙	⊙	⊙
Dificuldades relacionadas à tributação	⊙	⊙		⊙	⊙	⊙
Dificuldades relacionadas à burocracia	⊙	⊙		⊙	⊙	

Fonte: dados sistematizados pelos autores, 2024.

Foi possível depreender do quadro sinótico que houve uma maior incidência de registros em cinco dos seis agrupamentos por Porte e Perfil de Empreendedores, sendo que cada um deles anotou seis fatores agregados (na vertical). Os registros foram iguais em cinco grupos, sendo que apenas o de *Mulheres* variou em relação aos demais, mantendo a mesma quantidade de indicações. O agrupamento do *MEI* contou com menor carga de anotações, com quatro.

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO
Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

Para os construtos sobre os Fatores Limitantes houve uma maior variação. Dos sete Meta Grupos (na horizontal), três foram sentidos por todos os Portes e Perfis de Empreendedores, sendo: *Dificuldade em acessar crédito e demais serviços financeiros; Dificuldade no gerenciamento do negócio; Dificuldade em conseguir novos clientes e mercados (concorrência)*. Outros dois Meta Grupos foram indicados por cinco Portes e Perfis de Empreendedores: *Dificuldade em contratar, treinar e manter colaboradores; Dificuldades relacionadas à tributação*. O Meta Grupo que registrou apenas duas anotações foi a *Dificuldade de conciliar vida empresarial e vida pessoal*, sendo percebida pelos Portes e Perfis de Empreendedorismo dos *MEIs e Mulheres*.

Caberia salientar que estes registros foram identificados a partir das pesquisas secundárias analisadas, não tendo a pretensão de asseverar que os Fatores Limitantes indicados representam a totalidade das dificuldades encontradas pelos portes das empresas e seus respectivos perfis, podendo haver outros não apontados neste trabalho.

4.1 A Proposta de um Modelo Teórico Empírico

Ao se realizar uma comparação dos fatores expostos na literatura *versus* aqueles identificados nas pesquisas selecionadas, os autores procuraram identificar se houve mudança significativa no cenário. Tendo havido alguma mudança, quais foram e de que natureza seriam estes fatores limitantes.

Com base no itinerário percorrido seria possível afirmar, *latu sensu*, que os fatores expostos na literatura analisada e nas pesquisas atuais selecionadas são convergentes, havendo mais sinergia e elementos consonantes do que aspectos divergentes ou antagônicos.

A literatura foi mais ampliada na inclusão dos aspectos exógenos em seus registros, em comparação com as pesquisas. A seu turno, as pesquisas foram mais específicas e trouxeram a reflexão para o *locus* de atuação do empreendedor, entendidas como os aspectos endógenos. Pelas pesquisas também foi possível perceber a maior ênfase nas *Dificuldades relacionadas à burocracia* como uma questão relevante para o desenvolvimento e permanência das empresas, o que não foi identificado expressamente como um fator limitador proeminente nos textos analisados.

Para contribuir na avaliação da comparação entre a teoria analisada e as pesquisas selecionadas foi construído um modelo teórico, de modo a ampliar a possibilidade de identificação de pontos de aderência ou de afastamento.

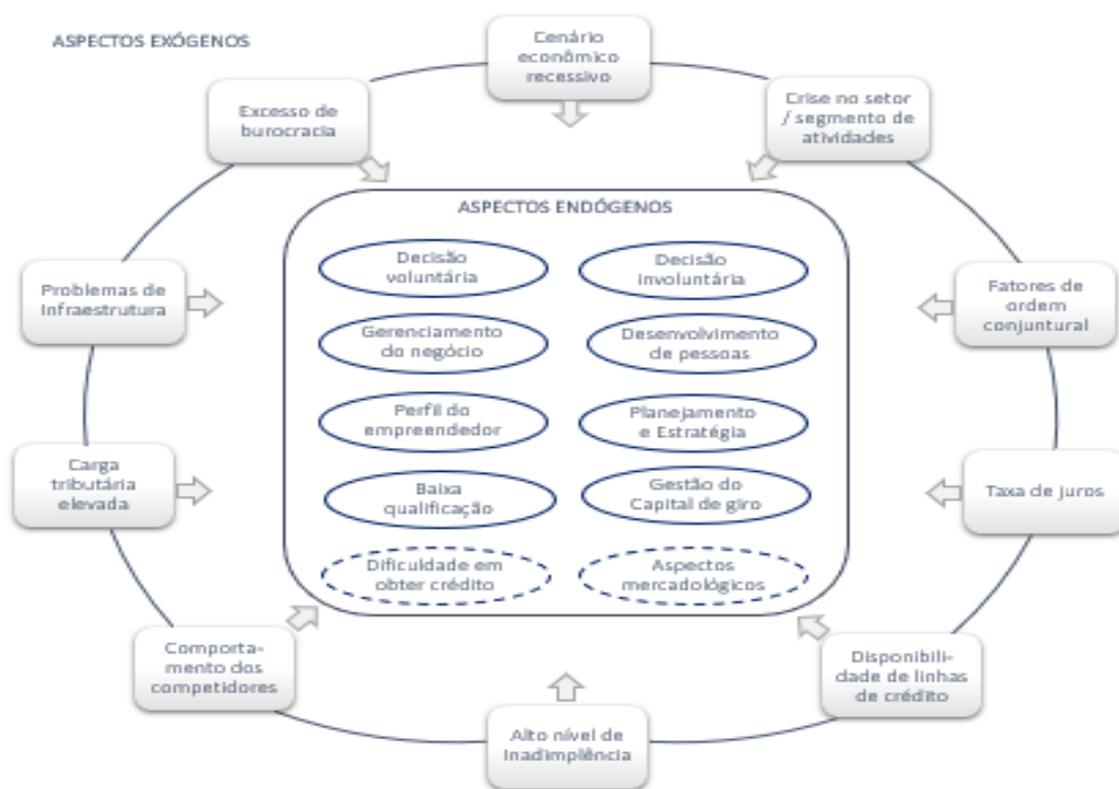
FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO
Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

Foi necessário reclassificar os Meta Grupos de Fatores Limitantes do quadro sinótico (Quadro 4), indicando quais seriam mais relacionados com aspectos exógenos ou endógenos. Nesta reclassificação os construtos *Dificuldades relacionadas à tributação* e as *Dificuldades relacionadas à burocracia* foram ligados aos elementos exógenos – caberia destacar que, não obstante os Meta Grupos *tributação* e *burocracia* emanarem de governos e entes públicos, conseguir lidar com estas questões é uma atribuição do empreendedor, naquilo que lhe couber. Os construtos *Dificuldade no gerenciamento do negócio*; *Dificuldade de conciliar vida empresarial e vida pessoal*; e *Dificuldade em contratar, treinar e manter colaboradores*, foram entendidas como de cunho endógeno. O construto *Dificuldade em acessar crédito e demais serviços financeiros* pode ser compreendido em ambas abordagens, pois quando há alguma restrição do mercado para crédito ao segmento das MPE ou o governo eleva muito as taxas de juros (SELIC) e demais exigências, pode-se entender como uma situação exógena. Todavia, se o pequeno negócio não consegue buscar crédito ou financiamento no Sistema Financeiro Nacional (SFN), em função de aspectos de falta de gestão adequada ou decorrente da assimetria de informações, a questão pode ser entendida como endógena. Situação similar está o construto *Dificuldade em conseguir novos clientes e mercados (concorrência)*, pois há fatores restritivos de mercado que atuam como forças contrárias, exercendo pressão por meio de clientes, fornecedores, concorrentes e novos entrantes (Porter, 2004). Do outro lado, em seu *locus* de controle, o empreendedor deve buscar formas de enfrentar o recrudescimento do mercado em que atua, buscando formas de atuação diferenciada ou com melhores condições de agregar valor perante seu cliente. Neste sentido, estes dois últimos construtos citados foram classificados como endógenos, mas com interface direta com os aspectos exógenos.

Feita esta reclassificação foram selecionados os dez principais fatores limitantes de âmbito exógeno e outros dez de âmbito endógeno, conforme demonstrado na Figura 1 – Modelo teórico empírico

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO
Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

Figura 1 – Modelo teórico empírico



Fonte: dados sistematizados pelos autores, 2024.

A visão integrada, da literatura e das pesquisas, fornecem melhor possibilidade de interpretação da realidade vivenciada pelos empreendedores, cada qual oferecendo sua contribuição.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo proposto procurou demonstrar a relevância do universo dos pequenos negócios para a economia nacional, mormente em função de sua pujança e representatividade numérica, mas também em função da dinâmica empresarial e econômica que possibilita aos empreendedores e demais pessoas ligadas direta e ou indiretamente a estes empreendimentos, refletindo desde a mobilização de territórios, setores e segmentos econômicos e inovação em *start ups* (OECD, 2004; Costa & Leandro, 2020; FGV & Sebrae, 2023).

No decorrer do trabalho fica patente a percepção sobre a relevância dos números que envolvem o ambiente dos pequenos negócios. De maneira sintética é possível chegar a um conjunto de informações que demonstram este cenário, pois estes empreendimentos são

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

responsáveis por cerca de 30% da produção de riqueza total da nação (Sebrae, 2023a). Em conjunto, as micro e pequenas empresas abarcam 18,3 milhões de empregos, equivalendo a 52 % do total de empregos formais existentes, movimentando uma massa salarial de 42,4% (Sebrae, 2023a). Outro dado relevante é que do total de 20,8 milhões de empresas ativas, 93,5% são de micro e pequeno porte (MEMP, 2024).

No tocante ao estado de Minas Gerais, este percentual assume contorno ainda mais representativo, pois o estado participa com cerca de 11% dos pequenos negócios constituídos no País (MEMP, 2024), cerca de 60% dos empregos com carteira assinada estão nas MPE, correspondendo a 41% da massa salarial paga no estado (Sebrae, 2023a).

Compreendendo a relevância do segmento e que a permanência dos pequenos negócios - dentro de uma dinâmica empresarial que permita o surgimento de novas iniciativas que gerem mais valor, em substituição a modelos de negócios menos adaptáveis e eficazes – torna-se importante compreender além do universo dos pequenos negócios, seus movimentos, o que impacta na sua sobrevivência e as razões para sua manutenção e extinção.

O percurso de construção do trabalho contou com a seleção de artigos e literatura consolidadas, bem como por pesquisas e estudos atuais. Esta base organizada, viabilizada por um método de pesquisa adequado, subsidiou a construção de um quadro síntese decorrente da literatura, organizando os fatores mais relevantes destes trabalhos e possibilitando uma visão geral do fenômeno. Também foi possível elaborar um quadro sinótico que permitiu a sistematização de conjuntos de fatores limitantes para a sobrevivência dos pequenos negócios, devidamente disposto por agrupamentos de análise por porte e perfis de empreendedores. Sintetizando estas análises teórica e empírica foi realizada uma comparação dos fatores expostos na literatura *versus* aqueles identificados nas pesquisas selecionadas, sendo elaborado um modelo didático para possibilitar melhor visualização dos fatores limitantes, tanto em âmbito exógeno quanto endógeno.

Com base do itinerário percorrido seria possível afirmar que os fatores expostos na literatura e nas pesquisas atuais selecionadas são convergentes, havendo mais sinergia e elementos consonantes do que aspectos divergentes ou antagônicos.

Este resultado está em linha com a percepção de Araújo, Morais e Pandolfi (2019, p. 267), ao indicarem que “o sucesso e o fracasso das MPEs são parte de um contínuo, no conjunto de variáveis que determinam a sua existência”, pois de fato existem uma série de causas geradoras que podem refrear a competitividade destes empreendimento ou até mesmo inviabilizá-los.

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

Tomando por base o referencial teórico, as pesquisas identificadas, os quadros síntese e sinótico produzidos e a proposição do modelo teórico empírico, pode-se concluir que o presente trabalho oferece contribuição à ciência, na medida em que viabiliza a sistematização das informações existentes e a possibilidade de convergência entre as temáticas e grupos avaliados. Outros ganhos subjacentes com o trabalho são as reflexões para o aprimoramento de instrumentos de gestão que poderão ser elaborados para se mitigar os riscos de fechamento de negócios viáveis, além da formulação de políticas públicas para o desenvolvimento do segmento, tomando por base o conhecimento gerado.

A opção dos autores foi pela seleção de fontes de pesquisa de duas instituições de apoio às micro e pequenas empresas, em função do acesso e para possibilitar comparações. Todavia, outras naturezas de pesquisa não entraram na configuração final do trabalho, o que poderia ser avaliado como uma limitação do artigo.

Sugere-se a realização de estudos futuros que confrontem os resultados identificados neste trabalho comparativos a outras economias mais maduras, gerando informações e apontando caminhos para a redução da mortalidade dos pequenos negócios.

REFERÊNCIAS

Araújo, F.E., Morais, F.R., & Pandolfi, E. De S. A. (2019). Fábula dos Mortos-Vivos: Determinantes da Mortalidade Corporativa Presentes nas Micro e Pequenas Empresas Ativas. *Revista REGEPE de Empreendedorismo e Pequenas Empresas*, 2, 250–271. São Paulo, SP.

Audretsch, D. B., Belitski, M., Chowdhury, F., & Desai, S. (2022). Necessity or opportunity? Government size, tax policy, corruption, and implications for entrepreneurship. *Small Business Economics*, 58, 2025–2042.

Ayyagari, M., Demirguc-Kunt, A.; Maksimovic, V. (2011). Small vs. Young Firms Across the World: contribution to employment, job creation and growth. *Policy Research Working Paper - 5631*. Washington, DC: World Bank.

Bezerra. E., Silva G., Borges C., & Tondolo L. (2014). Políticas Públicas de Empreendedorismo no Brasil: levantamento e análise. In *VIII EGEPE - Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, Goiânia.

Costa, A. & Leandro, L. (2020). O atual cenário das micro e pequenas empresas no Brasil. In *Tópicos em Administração*, Cap. 01, Editora Poisson, 35.

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

Fundação Getúlio Vargas (FGV), & Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). (2023). Estudo sobre a Participação de Micro e Pequenas Empresas na Economia. FGV Projetos, Março.

Julien, P.A. (2013). Prefácio. In H.P.V. Machado *et al* (Orgs.), *Empreendedorismo, oportunidades e cultura: seleção de casos no contexto brasileiro*. Maringá: Eduem.

Lei Complementar n.º 123/2006 (2006). Brasília, DF. Acesso em 01/04/2024, de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp123.htm

Machado, H.P.V., & Espinha, P.G. (2005). Reflexões sobre as Dimensões do Fracasso e Mortalidade de Pequenas Empresas. *Revista Capital Científico Guarapuava – PR*, 3(1), 51-64.

Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte (MEMP). (2024). *Mapa de Empresas*. Boletim do 3º quadrimestre.

Nassif, V.M.J., Corrêa, V.S., & Rossetto, D.E. (2020). Estão os empreendedores e as pequenas empresas preparadas para as adversidades Contextuais? Uma reflexão à luz da pandemia do Covid-19. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(2), 1.

Organisation for Economic, Co-operation and Development (OECD). (2004). Promoting Entrepreneurship and Innovative SMEs in a Global Economy. In *Second OECD Conference of Ministers Responsible for Small and Medium-Sized Enterprises*. Turquia, Istambul. OECD.

Penrose, E. T. (1995). *The Theory of the Growth of the Firm*. Oxford University Press.

Pinheiro, J. F. D., & Neto, M. N. F. (2019). Fatores que contribuem para mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil / Factors contributing to mortality of micro and small enterprises in Brazil. *Brazilian Journal of Development*, 5(7), 11107–11122.

Porter, M. (2004). *Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Elsevier.

Puga, F. P. (2000). Experiências de Apoio às Micro, Pequenas e Médias Empresas nos Estados Unidos, Itália e Taiwan. *Textos para Discussão BNDES*. Rio de Janeiro: BNDES.

Roratto, R., Dias, E. D., & Alves, E. B. (2017). Mortalidade em Micro e Pequenas Empresas: um estudo de caso na Região Central do Rio Grande do Sul. *Revista Espacios*, 38(28), 1-11. Caracas.

Sanábio, M. T. & David, M. V. (2006). Globalização e seus impactos nas Micro e Pequenas Empresas. In *III SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). (2022). *Atlas dos Pequenos Negócios* (1ª ed.). Brasília, DF.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). (2023a). Panorama do Emprego nas MPes - Módulo Empregado. Data Sebrae. Brasília, DF.

FATORES LIMITANTES, POTENCIALIDADES E CICLO DE VIDA DE PEQUENOS NEGÓCIOS: A PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO EMPÍRICO

Roberto Marinho Figueiroa Zica, Henrique Cordeiro Martins

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). (2023b). *Sobrevivência das Empresas Mercantis Brasileiras: 2017 – 2022*. Brasília, DF.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). (2024). *Categorias de Formalização e Empresas*. Brasília, DF.

Zacharakis, L., Meyer, D., & De Castro, J. (1999). Differing Perceptions of New Venture Failure: A matched exploratory study of venture capitalists and entrepreneurs. *Journal of Small Business Management*, 37(3), 1-14.

Welsh, J. A. & White, J. F. (1981). A Small Business is not a Little Big Business. *Harvard Business Review*, 59(4), 18-32.